



# A arte atlântica de Monte Eiró (Penhalonga, Marco de Canaveses). Novos dados para a sua contextualização

Luís Sousa\*

## Palavras-chave

Arte atlântica; Monte Eiró; bacia do Douro; análise espacial.

## Keywords

Atlantic art; Mount Eiró; Douro river basin; spatial analysis.

## Resumo

Com este texto pretende-se dar a conhecer a investigação levada a cabo no Monte Eiró, lugar de Piores, freguesia de Penhalonga, Marco de Canaveses, desenvolvida no âmbito do Projeto *Enardas*, com o objetivo de realocar, em termos físicos e espaciais, o local onde foi encontrada a conhecida gravura de arte atlântica, presentemente em depósito no Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto), pela primeira vez publicada por Pedro Vitorino, em 1924. Com este trabalho foi possível não só localizar *in loco* o afloramento partido, que ainda contém algumas gravuras, identificar aqui outras até agora desconhecidas, bem como identificar um novo núcleo de arte rupestre na área de dispersão das insculpturas de Monte Eiró. Todos os núcleos de arte atlântica foram descritos em termos geológicos e iconográficos e contextualizados em termos físicos e espaciais. Posteriormente, foram realizadas análises espaciais, através de um sistema de informação geográfica, que permitiram algumas interpretações sobre os motivos pelos quais esta grande concentração de gravuras rupestres se localiza a meio da vertente sul da serra de Montedeiras (Marco de Canaveses), em plena bacia do Douro.

## Abstract

*This paper presents the research that was carried out on Mount Eiró, in Piores, parish of Penhalonga, Marco de Canaveses. It was developed under the Enardas Project, in order to relocate, physical and spatially, the place where the known Atlantic art engraving was found and which is currently at the National Museum Soares dos Reis (Porto), published for the first time in 1924, by Pedro Vitorino. With this work it was possible not only to locate on-site the broken outcrop, which still contains some engravings, to identify others so far unknown, as well as identify a new core of rock art in the dispersion area of Mount Eiró's engravings. All Atlantic art cores were geological and ichnographically described and physical and spatially contextualized. Subsequently, spatial analysis were performed, using a geographic information system, that allowed some readings about the reasons why this large concentration of rock art is located in the middle of southern Montedeiras mountain chain (Marco de Canaveses) in the open basin of Douro river.*

\* Arqueólogo. Gabinete de Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

## 1. Introdução

Com o presente texto pretende-se dar a conhecer a investigação desenvolvida no Monte Eiró, lugar de Piores, freguesia de Penhalonga, Marco de Canaveses. Esta investigação, desencadeada no âmbito do Projeto *Enardas*<sup>1</sup>, teve como principal objetivo relocalizar, em termos físicos e espaciais, o local de onde, em 1910, foi retirada a conhecida gravura de arte atlântica, em depósito no Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto), que viria a ser publicada, pela primeira vez, em 1924, n' *O Archeologo Português*, num artigo da autoria de Pedro Vitorino (1923-1924), sob o título "Insculturas do Monte de Eiró".

No âmbito deste trabalho, foi possível encontrar o afloramento partido, que ainda contém algumas gravuras, identificar aqui outras insculturas desconhecidas, bem como identificar um novo núcleo de arte atlântica no local. Todos estes núcleos foram sumariamente descritos em termos geológicos e iconográficos e contextualizados em termos físicos e espaciais. Posteriormente, foram realizadas análises espaciais, através de um sistema de informação geográfica, que permitiram algumas interpretações sobre os motivos pelos quais esta grande concentração de gravuras rupestres se localiza a meio da vertente sul da serra de Montedeiras (Marco de Canaveses), em plena bacia do Douro.



Figura 1. Localização geográfica de Monte Eiró no mapa.

<sup>1</sup> CVARN – Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte Rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados. Projeto gerido por Ana M. S. Bettencourt, do Departamento de História da Universidade do Minho (Braga), e por Emilio Abad Vidal, do Centro de Supercomputación de Galicia (Santiago de Compostela, Espanha). Cabe-nos, aqui, agradecer à Professora Doutora Ana M. S. Bettencourt todo o apoio e as orientações oferecidas na realização do presente texto.

Os motivos encontrados no Monte Eiró compreendem a gravação de espirais e de sulcos meandriformes, que ora se apresentam ondulantes, ora em ângulo curvo, formando, por vezes, retângulos abertos. Observam-se ainda diversas composições circulares, tais como círculos concêntricos, labirintiformes e espirais, sulcos lineares e meandriformes, vários reticulados ou grelhas de diferentes tamanhos, estando documentada a existência de, pelo menos, um podomorfo, porém, não visualizado, em razão da sua provável destruição, e, por fim, há a registar a abundante presença de covinhas, com grande dispersão e dimensões muito variadas.

## 2. Contexto físico, ambiental e arqueológico

O conjunto das gravuras de Monte Eiró localiza-se a norte do lugar de Piares, em Penhalonga, freguesia do concelho do Marco de Canaveses, distrito do Porto. Presentemente composto por cinco núcleos, designados de Monte Eiró I, II, III, IV e V, distribuem-se numa meia encosta voltada

à margem direita do rio Douro, correspondente ao prolongamento meridional da serra de Montedeiras. O sítio, um alvéolo natural de formato tendencialmente circular, desenvolve-se em *plateau*, num declive no sopé de um cume que se eleva a nordeste de Monte Eiró II, a uma altitude máxima de 564 m. Atravessam a área duas linhas de escoamento de água, ambas confluentes com a margem direita do Douro, e, nas imediações, constata-se a existência de pequenas nascentes, destacando-se, particularmente, uma localizada no extremo nordeste do alvéolo, onde se represa a água que, depois, é direcionada para os campos agrícolas.

A disposição em anfiteatro confere ao sítio particularidades naturais. Por um lado, permite que não haja a estagnação de água e, por outro, acha-se rodeado de elevações que o protegem dos ventos dominantes de norte e de este.

Do ponto de vista morfológico, retém-se da observação global do sítio o cume de 564 m de altitude, presente a nordeste, bem como a Coroa de Almouca, onde é alcançada a altitude de 504 m.



Figura 2. Distribuição espacial dos núcleos de gravuras de Monte Eiró, na vertente sobre o rio Douro.

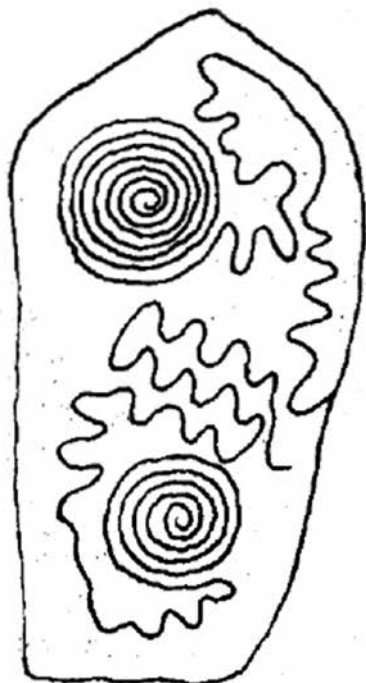


Figura 3. Desenho do Painei 1 de Monte Eiró I. Fonte: Vitorino, 1923-1924: 21, fig. 2.



Figura 4. Painei 1 de Monte Eiró I. Fonte: Brandão, 1961: est. II.

O local é pautado, maioritariamente, pela presença de granitos de grão fino a médio, de duas micas, essencialmente biotíticos, constituindo a superfície rochosa onde se acham gravadas a quase totalidade das insculpturas rupestres de Monte Eiró.

Não são conhecidos quaisquer vestígios arqueológicos na área circundante das gravuras. Ainda assim, cabe referir que, a cerca de 2 km a norte de Monte Eiró, integrando ainda o perímetro administrativo da freguesia de Penhalonga, numa das cumeadas que pontuam a serra de Montedeiras, concretamente entre o alto de Fonte Cova (encimado por marco geodésico) e o Alto do Ladário, estão documentadas duas mamoadas (Jorge, 1982: 543). Mais distantes do objeto de estudo, encontram-se referenciados similares monumentos megalíticos no prolongamento norte do maciço granítico de Montedeiras, designadamente nas freguesias marcoenses de Manhuncelos, Paredes de Viadores, Rosém e Vila Boa do Bispo (Jorge, 1982: 542-543, 562; Silva, 2000: 38).

### 3. Os núcleos de arte rupestre de filiação atlântica

#### 3.1. Monte Eiró I

Mandado cortar por João de Vasconcelos, em 1910, o Painei 1 deste núcleo corresponde ao bloco granítico em depósito no Museu Nacional de Soares dos Reis. Após ter sido extraído do local, este é levado, de barco, para o Porto (Silva, 1992: 92), circunstância que levou a que, de entre as gravuras de Penhalonga, fosse o mais conhecido suporte. Em 1924, coube, todavia, a Pedro Vitorino (1923-1924) tecer as primeiras considerações, com vista à sua divulgação científica. Sob o título “Insculpturas do Monte de Eiró”, publicou o autor, n’*O Archeologo Português*, algumas páginas onde elenca quatro núcleos de gravuras. Seguiram-se-lhe vários outros autores, mas até 1961 as referências às gravuras de Monte Eiró cingem-se, quase exclusivamente, à pedra levada para o Soares dos Reis. Nesta data, é desenvolvido um dos mais extensos e completos estudos sobre es-



Figura 5. Perspetiva geral sobre o Paineil 2 e zona de corte do Paineil 1 de Monte Eiró I.

tas gravuras. Sob o título “Insculturas do Monte de Eiró, Penhalonga (Marco de Canaveses)”, Domingos de Pinho Brandão (1961) descreve, pormenorizadamente, as gravuras e apresenta cuidadas ilustrações, referenciando três núcleos de gravuras, a que deu a denominação de Eiró I, II e III. Escapou-lhe, porém, o núcleo de gravuras que Pinto da Silva (1992: 96-97) designou de Eiró IV, gravuras estas que, por sua vez, haviam sido já inventariadas por Pedro Vitorino (1923-1924: 22).

No Monte Eiró I estão, de momento, identificados três painéis inseríveis na denominada arte atlântica, compondo-se estes por espirais e sulcos meandriformes, gravados sobre superfícies regulares horizontais, ligeiramente inclinadas a norte, pouco elevadas relativamente ao solo, caracterizadas pela presença de granitos de grão fino a médio, de duas micas, essencialmente biotíticos.

O Paineil 1 corresponde ao bloco granítico em depósito no Museu Nacional de Soares dos Reis. Tem de medidas máximas, em comprimento, 2,29 m, e, em largura 1,25 m, cifrando-se a espessura em 0,34 m. A superfície insculturada tem 1,97 m de altura e 0,95 m de largura. Retirado do denominado Monte Eiró I, este bloco forma um painel isolado. Porém, como se pode observar no local, o espaço de onde foi retirado integrava um conjunto de gravuras mais extenso. Composta por duas espirais de movimento *sinistrorsum*, das quais saem linhas ondulantes, a face do bloco encontra-se profusamente insculpida. Como se depreende pela relação dimensional e das insculturas gravadas, restam poucos espaços deixados vazios.

O Paineil 2 compreende uma inscultura isolada, gravada numa superfície horizontal, composta por duas pequenas espirais, de movimentos opostos, ligadas por sulco meandriforme, e encontra-se contígua ao local de onde foi retirado o Paineil 1. Achava-se, como apontou Pinto da Silva (1992: 93), em plano ligeiramente inferior relativamente ao primeiro painel. Tem de comprimento 40 cm e de largura 37 cm. Popularmente,

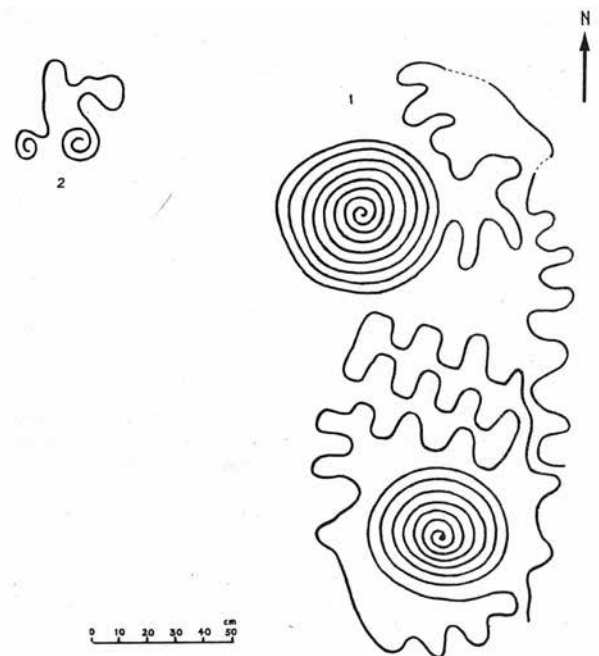


Figura 6. Desenho do Paineil 1 (à direita) e 2 (à esquerda) de Monte Eiró I. Fonte: Brandão, 1961: 52, grav. 2.



Figura 7. Painel 3 de Monte Eiró I.

foi-nos indicado como sendo a representação de um carneirinho, em razão do formato das espirais se assemelharem aos chifres do citado animal.

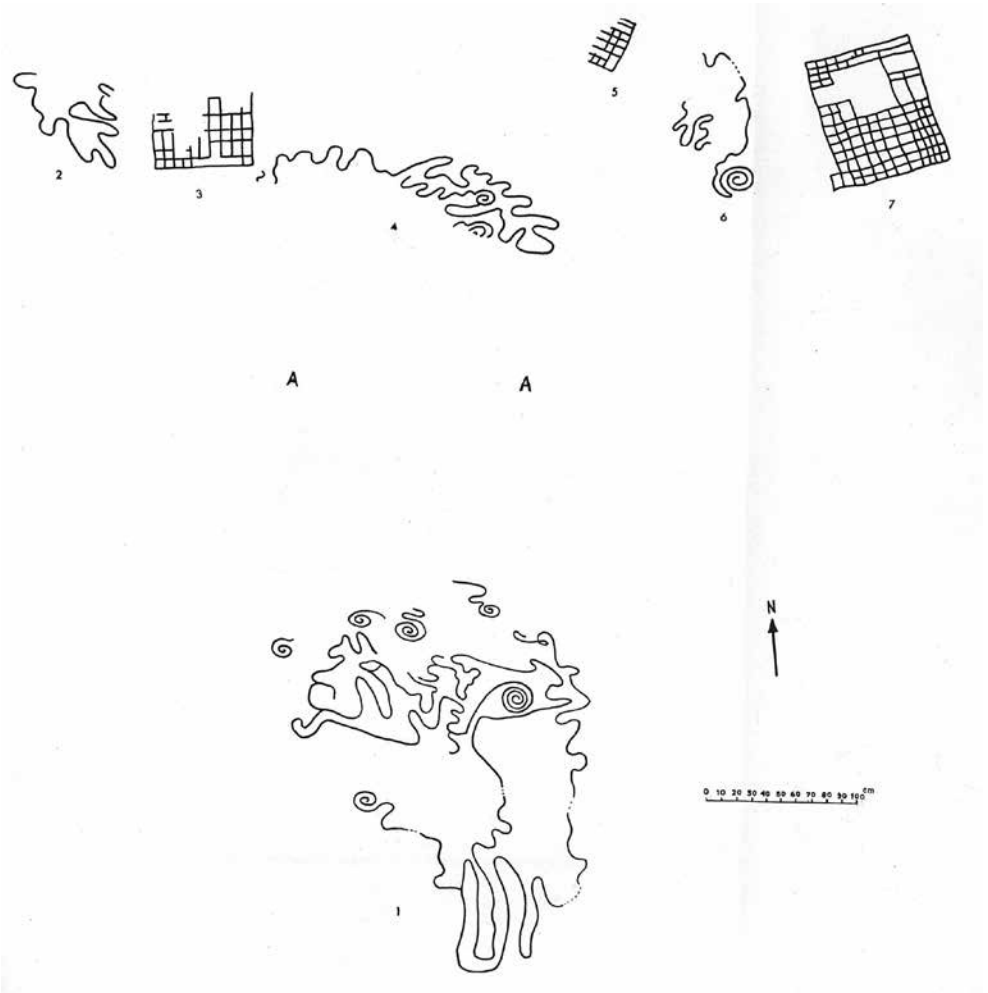
O Painel 3 é composto por uma espiral isolada, até aqui desconhecida neste núcleo, e encontra-se a cerca de 6,3 m a sul do Painel 2. A espiral, de movimento *sinistrorsum*, tem de diâmetro máximo 19 cm e encontra-se insculturada na face horizontal de uma extensa rocha, com suave declive para este.

### 3.2. Monte Eiró II

Monte Eiró II, que se situa à esquerda do antigo caminho a partir do qual se acedia à eira com beiral da Tapada de Eiró, é formado por sete painéis inseríveis na denominada arte atlântica, compondo-se estes por espirais, sulcos meandri-formes e reticulados, gravados sobre uma rocha de superfícies regulares horizontais, levemente inclinadas a nordeste e rentes ao chão, caracterizadas pela presença de granitos de grão fino a médio, de duas micas, essencialmente biotíticos. Sobressai neste conjunto a clara intensão de gravar a máxima extensão da superfície rochosa disponível de cada um dos painéis. Os extremos das insculturas, que, unidos, formam, sensivelmente, um triângulo, resultam numa área gravada de cerca de 18 m<sup>2</sup>.



Figura 8. Aspecto atual do beiral da Tapada de Eiró e afloramentos correspondentes à eira onde se encontram os gravados de Monte Eiró II.



**Figura 9.** Conjunto de gravuras de Monte Eiró II (em cima, da esquerda para a direita: Painéis 2, 3, 4, 5, 6 e 7; em baixo: Painel 1).  
Fonte: Brandão, 1961: grav. 3.

O Painel 1 é formado por várias linhas ondulantes e espirais conexas e isoladas. Estas adquirem ora o movimento à esquerda, ora à direita. Ocupam as gravuras uma extensa superfície, porém, irregular, distribuindo-se por uma área cujas dimensões oscilam entre 2,64 m de comprimento e 2,03 m de largura.

Somente composto por um sulco meandri-forme, o Painel 2 tem de dimensões máximas, em comprimento, 90 cm e, em largura, 47 cm.

No Painel 3 encontramos a representação de uma grade ou reticulado, posto que bastante desgastada. As suas dimensões cifram-se em 64 cm de comprimento por 49 cm de largura.

O Painel 4 é formado por um motivo meandri-forme, tratando-se de uma inscultura francamente incompleta, sendo bem visível o corte na pedra, de formato retangular. Pedro Vitorino (1923-1924: 23, fig. 6) ainda viu completa esta gravura, tendo, inclusive, dela realizado um breve esboço. Esta superfície tem de comprimento 1,97 m.

O Painel 5 representa, novamente, uma grade ou reticulado, sendo o segundo desenho deste motivo neste núcleo. Tal como o similar elemento anteriormente descrito, mostra-se este painel bastante puído, em virtude de aqui ter sido praticada a secagem e malha de cereal, uma vez que a superfície rochosa contígua ao beiral funcionou como eira. O desgaste do motivo é evidente, sub-



Figura 10. Conjunto de gravuras de Monte Eiró II. Fonte: Brandão, 1961: est. III.

sistindo somente cerca de metade do elemento inicialmente gravado, o que resulta numa gravura com apenas 35 cm de comprimento e 27 cm de largura.

Dois simples sulcos meandriformes isolados constituem o Pannel 6. O maior termina numa pequena espiral de movimento *sinistrorsum*. A extensão gravada alcança, ao comprimento, 98 cm, e tem de largura 57 cm.

Por fim, o Pannel 7, ainda que seja evidente o seu desgaste, o que impossibilita ter-se uma leitura integral deste elemento insculturado, revela gravada uma grade ou reticulado de boas proporções (88 cm x 70 cm).

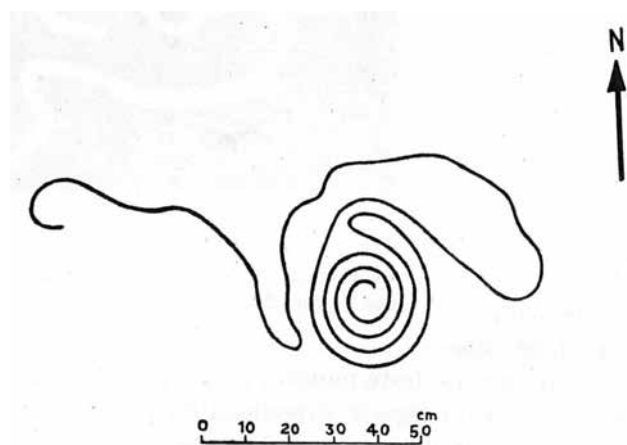


Figura 11. Levantamento gráfico da gravura de Monte Eiró III. Fonte: Brandão, 1961: 56, grav. 5.

### 3.3. Monte Eiró III

Este núcleo é, atualmente, formado por uma única gravura – Pannel 1. Compõe-se de uma espiral de movimento *sinistrorsum* e sulco meandriforme coleante, possuindo de dimensões máximas 1,2 m de comprimento e 48 cm de largura.

Pinto da Silva (1992: 95) considera que Domingos de Pinho Brandão se equivocou relativamente a este conjunto e que estaria a referir-se a uns gravados existentes em “Eiró IV”. De facto, o que Pinho Brandão descreve como “Eiró III”, e que nós seguimos, é uma superfície rochosa que Pinto da Silva parece não ter identificado, talvez por a zona, na época, se encontrar coberta por terras provenientes de um desaterro realizado a poucos metros da gravura. Aquele insigne investigador marcoense julgou haver aqui imprecisão no registo dos mesmos, quando, na realidade, Pinho Brandão acabava de divulgar um novo núcleo de gravuras rupestres no Monte Eiró, de que dá um excelente registo fotográfico, que nos permite verificar que a gravura sofreu dano na parte central, por certo resultante dos relatados trabalhos de desaterro, que ali despontam ao observador.

Se considerarmos a natureza declivosa do sítio, bem como as terras aqui depositadas, na sequência de desaterros levados a efeito nas imediações, poderão achar-se ocultas outras insculturas.





Figura 12. Gravura de Monte Eiró III. Fonte: Brandão, 1961: est. VI.

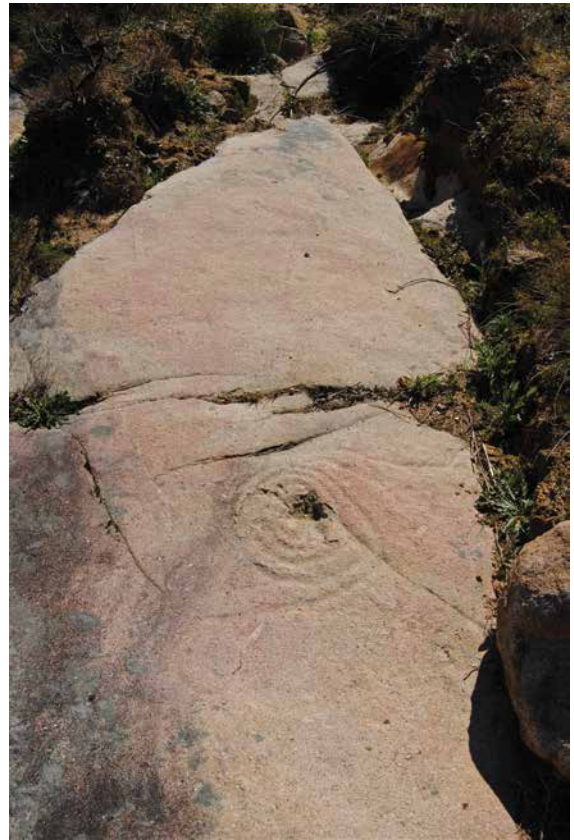


Figura 13. Aspecto atual da única gravura que compõe o Painel 1 de Monte Eiró III.

Populares locais apontam, nesta zona, a existência de outras gravuras insculturadas ao longo de uma extensa superfície de rocha.

### 3.4. Monte Eiró IV

Este núcleo está situado entre Monte Eiró II e III, distando, respetivamente, 12 e 20 m. Pese, embora, presentemente ter desaparecido um painel, este conjunto foi dado a conhecer com seis painéis, todos eles inseríveis na denominada arte atlântica. Compõe-se este núcleo por espirais, espirais interrompidas e sulcos meandriformes, gravados sobre superfícies regulares horizontais, levemente inclinadas a sul e a sudeste e rentes ao chão, pautadas pela presença de granitos de grão fino a médio, de duas micas, essencialmente bio-

títicos. Sobressai neste conjunto a clara intensão de gravar a máxima extensão da superfície rochosa disponível de cada um dos painéis.

O Painel 1, gravado num afloramento com a forma aproximada de um retângulo com 5 m de comprimento e 1,4 m de largura, elevado cerca de 40 cm do solo, é composto por uma espiral *dextrorsum* com cerca de 46 cm de diâmetro, que se prolonga para este num sulco meandriforme coleante. Este assemelha-se a um báculo, medindo, aproximadamente, 30 cm de comprimento. A linha coleante solta mede 60 cm de comprimento e 35 cm de largura. Existe ainda neste painel uma linha reta com 50 cm de comprimento. O conjunto das insculturas ocupa uma superfície granítica de 2,1 m de comprimento por 1,05 m de largura.



Figura 14. Painel 5 de Monte Eiró IV.

Dois blocos graníticos, separados por escasos centímetros, correspondem ao denominado Painel 2. Têm ambos a forma grosseira de dois triângulos, cifrando-se as suas medidas, também similares, em 1,5 m de comprimento por 65 cm de largura. A superfície mais a norte possui o que Pinto da Silva (1992: 96) diz assemelhar-se ao “símbolo do sexo feminino”, com 20 cm de comprimento. A segunda tem somente uma covinha de 6 cm de diâmetro.

O Painel 3 apresenta indícios de ter sido quebrado e revela marcas de guilhos. É composto unicamente por covinhas de diferentes tamanhos. Algumas delas encontram-se encobertas pelo muro do caminho que atravessa a Tapada de Eiró, em direção a norte. Uma linha de marcas de guilhos divide este conjunto de covinhas, num total de 10. Estende-se esta rocha em comprimento de aproximadamente 1,9 m, revelando, em

largura, 90 cm. As covinhas variam o seu tamanho entre os 3 cm e os 18 cm, mostrando terem sido executadas pela técnica da abrasão.

Distante do painel anterior uns 1,7 m, cabe agora aludir à presença do Painel 4, insculturado num dorso de rocha com diversas gravuras, conquanto se apresentem bastante gastas, razão pela qual apenas se revele possível a sua observação com recurso a luz rasante (artificial ou natural). Pedro Vitorino (1923-1924: 22) dá delas um esboço, sendo visíveis simples grelhas, linhas curvilíneas curtas e alfabetiformes. Estes últimos motivos não se encontram, em nosso entender, cabalmente representados, devendo-se, porventura, a um incipiente levantamento dos mesmos.

O Painel 5 compõe-se de um labirintiforme ladeado por linhas meandriiformes. Ainda que distante da realidade gravada, foi este painel identificado, em 1924, por parte de Pedro Vitorino, do qual desenvolveu um breve levantamento. Ocupa a totalidade da superfície rochosa disponível, prolongando-se os sulcos pela face que aparentemente se mostra quebrada em tempos recentes. A gravura visível prolonga-se na rocha em 2,1 m de comprimento e 1,05 m de largura.

Aquando da divulgação do painel, Pedro Vitorino (1923-1924: 22) refere que “logo ao lado deste penedo, um outro já cortado em parte pelos pedreiros e com marcas de guilhos para sacrifício completo, mostrava alguns sinais: covinhas de vários tamanhos, uma marca de pegada e linhas serpeantes”. A este último conjunto, considerado desaparecido por parte de Pinto da Silva (1992: 5), será atribuída a designação de Painel 6.

Se considerarmos a natureza declivosa da zona, este agrupado de insculturas poderá achar-se oculto pela vegetação ou por sedimentos. Uma breve limpeza da envolvente ao Painel 5 logrará, eventualmente, permitir visualizar aquelas insculturas identificadas e descritas por Pedro Vitorino (1923-1924: 22). Seria deveras interessante e da maior relevância para o estudo das gravuras de Monte Eiró a confirmação da presença do denominado Painel 6, uma vez que aqui se encontra a única face gravada com um podomorfo.



Figura 15. Perspetiva geral da penedia onde se encontram as gravuras de Monte Eiró V.



Figura 16. Perspetiva geral, obtida de norte, das gravuras de Monte Eiró V.

### 3.5. Monte Eiró V

Monte Eiró V é formado por dois painéis<sup>2</sup>, compondo-se estes, exclusivamente, por espirais e sulcos meandriformes coleantes, gravados sobre uma superfície regular, em partes parecendo intencional o desgaste da face para horizontalizar a zona destinada a receber a gravura.

O topo do bloco, de cerca de 9 m de comprimento por 4,5 m de largura, revela duas faces de orientação distinta, decaídas ora a sul (Painel 2), ora a norte (Painel 1). Pouco se eleva o penedo relativamente ao solo. Todavia, é evidente a protuberância que ocupa da envolvente. Estas gravuras foram insculturadas na única superfície rochosa que é pautada pela presença de monzogranitos porfiroides de grão médio, essencialmente biotíticos.

O Painel 2 é formado por uma espiral *dextrorsum* e um curto sulco meandriforme, que aproveita uma pequena depressão natural, facto que confere, no cômputo geral dos gravados aqui representados, uma outra dinâmica escultórica. Por seu lado, o Painel 1 comporta três espirais *sinistrorsum* e uma *dextrorsum*, merecendo realce, neste painel, a espiral de maiores dimensões, por possuir figurada, entre a ramificação das duas linhas meandriformes coleantes, uma espécie de pá.

Destaca-se, claramente, neste núcleo, a face norte, mais insculturada, em contraponto com a face sul, onde apenas figura uma espiral, embora a superfície disponível se prestasse à execução de outras mais.

## 4. Considerações finais

Antes de mais, uma das ideias a reter é a de que quaisquer considerações agora avançadas terão de ser entendidas à luz da fase incipiente em que se encontra o estudo do sítio de Monte Eiró. Se bem que, sobre este local, tenham sido tecidas

várias considerações desde 1924, o sítio terá de ser integrado num plano de trabalhos de investigação mais vasto e assente em pressupostos metodológicos científicos, obedecendo a modernos procedimentos de decalque, devendo, igualmente, ser levado a cabo um exaustivo levantamento topográfico dos núcleos identificados, após o qual será, então, possível oferecer uma visão global e exata das insculturas.

Conquanto o objetivo deste estudo fosse, desde o princípio, a relocalização física e espacial do local onde foi encontrada a conhecida gravura de arte atlântica, em depósito no Museu Nacional de Soares dos Reis, a identificação de um outro painel no Monte Eiró I e a divulgação do novo núcleo de Monte Eiró V deixa adivinhar uma maior diversidade de motivos e uma mais lata dispersão de gravuras pelo alvéolo da encosta sul da serra de Montedeiras. Aliás, ao encontro desta ideia estão informações colhidas junto de alguns populares locais, cuja memória, ainda que algo apagada, lhes evoca a existência de outras penedias gravadas. Neste sentido, a direção para a área de um plano de trabalhos arqueológicos de prospeção sistemática resultará, por certo, no achado de novos conjuntos de gravuras e, por conseguinte, dará lugar a novas interpretações.

Os motivos rupestres de Monte Eiró são variados, compreendendo a gravação de espirais e sulcos meandriformes, bem como díspares composições circulares formadas por círculos concêntricos e labirintiformes. Também se observam sulcos lineares, cuja organização resulta, frequentemente, em reticulados ou grelhas de diferentes tamanhos. Encontra-se ainda documentada a existência de, pelo menos, um podomorfo, porém, não visualizado, em razão da sua provável destruição. Por fim, há a registar a abundante presença de covinhas, com grande dispersão e dimensões muito variadas. Para além do quadro paisagístico em que se insere, é nesta variedade e multiplicidade de motivos que reside a importância e o elevado interesse no estudo das gravuras

<sup>2</sup> Consideramos este núcleo composto por dois painéis, uma vez que, por um lado, há entre as faces uma linha fratura, e, por outro, pelo facto dos painéis terem sido gravados em distintos planos inclinados. Do conjunto, destacam-se as insculturas que se observam na face virada a norte, que denotam intensão de gravar a máxima extensão da superfície rochosa disponível.

rupestres de Monte Eiró, para uma leitura da globalidade dos fenómenos associados a este tipo de “arte”, particularmente o que encerram enquanto elemento significativo do resultado da percepção do “espaço” por parte das comunidades pré-históricas que por aqui se demoraram.

Quando o observador se encontra junto do núcleo de gravuras de Monte Eiró II, destaca-se, a nordeste, um outeiro de 564 m de altitude, que se impõe sobre a paisagem envolvente. Conjuntamente com as insculpturas rupestres formaria, por certo, um só “espaço cenográfico”, de forte carga “simbólica”, que se prestava às mais diversas práticas “rituais” e à conglomeração de “gentes”.

Nos núcleos identificados, sobressai o aproveitamento da face mais horizontalizada de cada superfície rochosa. No Monte Eiró II e V, como

nos demais conjuntos, para além do recorrente recurso da área aplanada do topo das penedias, constata-se que houve regularização prévia de certas zonas, especialmente quando destinadas a receber a gravação de espirais.

Situadas a altitudes que oscilam entre as cotas dos 422 m e 456 m, as insculpturas de Monte Eiró distribuem-se por cinco núcleos, achando-se os grupos com mais gravuras nas cotas mais baixas, de que se destaca o núcleo de Monte Eiró II, com sete painéis. A extensão e número de superfícies gravadas, bem como a variedade dos motivos, concentram especial interesse neste núcleo, acrescendo a clara intenção de estabelecer alternância entre as figurações representadas, no caso concreto, entre o motivo grade ou grelha e os meandriformes.

## Bibliografia

- BOUZA-BREY TRILLO, F. (1940) – Grabados rupestres serpentiformes de Lugo y la ofiolatría en Galicia y norte de Portugal. In *Congresso do Mundo Português*. Vol. I. Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-história de Portugal (I Congresso). Lisboa, p. 291-302.
- BRANDÃO, P. (1961) – Insculturas do Monte de Eiró. Penha-Longa (Marco de Canaveses). *LVCERNA*. Porto. Vol. I, nº 2 (série suplementar da revista *STVDIVM GENERALE*), p. 45-58 (+ 6).
- CASTRO, L. A.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A. (1957) – O dólmen pintado de antelas (Oliveira de Frades). In *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. Tomo XXXVIII, p. 325-346.
- CORRÊA, A. A. M. (1927) – Le serpent totem dans la lusitanie proto-historique. In *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto: FCP, vol. XV, p. 185-189.
- CUEVILLAS, F. L.; BOUZA-BREY TRILLO, F. (1929) – *Os Oestrímnios, os saefes e a ofiolatría en Galiza*. [S.l.: s.n.].
- DANIEL, G. E. E.; POWELL, T. C. E. (1950) – Distribuição e cronologia dos «sepulcros de Corredor» nas ilhas Britânicas. *Revista de Guimarães*. Guimarães. Vol. LXII, p. 5-64.
- FERREIRA, J. B. (1940) – A pedra (votiva) de Monte Eiró: vestígios do culto ofiolátrico na antiga Lusitânia. In *Congresso do Mundo Português*. Vol. I. Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-história de Portugal (I Congresso). Lisboa, p. 303-309.
- JORGE, V. O. (1982) – *Megalitismo do norte de Portugal: distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*. Porto: Universidade do Porto (policopiado). Vol. 1.
- PINTO, R. S. (1929) – *Petróglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal*. A Cruna: Nós – Publicacións Galegas e Imprenta Real. Publicacións do Seminário de Estudos Galegos – Seizón de Arqueologia.
- SILVA, J. B. P. (1992) – Os petróglifos de Eiró. In *Jornadas de Estudo de Marco de Canaveses*. Marco de Canaveses. Vol. 1, p. 87-105.
- \_\_\_\_\_ (2000) – *Marco de Canaveses: um olhar sobre o património...: da pré-história à época medieval*. Paços de Ferreira: Anégia Editores. Vol. 1.
- SOUTO, A. (1932) – Arte rupestre em Portugal: Entre Douro e Vouga. As insculturas da serra de Cambra e de Sever e a expansão das combinações circulares e espiralóides no noroeste peninsular. In *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*. Porto. Vol. V, fasc. IV.
- \_\_\_\_\_ (1938) – Arqueologia pré-histórica do distrito de Aveiro. In *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. Vol. IV.
- VITORINO, P. (1923-1924) – Insculturas do Monte de Eiró. In *O Archeologo Português*. Lisboa. Série 1, vol. 26, p. 20-24.